

HONORÉ
DE BALZAC

O pai Goriot

Tradução de
ROSA FREIRE D'AGUIAR

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

Edição baseada em Honoré de Balzac, *Le Père Goriot. La Comédie humaine III*. Paris: Gallimard, 1999. Bibliothèque de la Pléiade.

TÍTULO ORIGINAL

Le Père Goriot

PREPARAÇÃO

Maria Fernanda Alvares

REVISÃO

Carmen T. S. Costa

Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Balzac, Honoré de, 1799-1850.

O pai Goriot / Honoré de Balzac; tradução Rosa Freire d'Águilar. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

Título original: *Le Père Goriot*

ISBN 978-85-8285-010-7

1. Realismo na literatura 1. Romance francês

1. Título

14-12735

CDD 843

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance: Literatura francesa 843

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio da segunda edição Werdet (1835) — Honoré de Balzac	7
--	---

O PAI GORIOT

<i>Notas</i>	291
<i>Cronologia</i>	301
<i>Outras leituras</i>	309

A sra. Vauquer, em solteira De Conflans, é uma senhora de idade que há quarenta anos mantém em Paris uma pensão burguesa instalada na Rue Neuve-Sainte-Genève, entre o Quartier Latin e o Faubourg Saint-Marceau. Essa pensão, conhecida pelo nome de Casa Vauquer, admite igualmente homens e mulheres, moços e velhos, sem que nunca a maledicência tenha atacado os costumes desse respeitável estabelecimento. Mas, também, há trinta anos nunca se viu um jovem por lá, e para que um rapaz more ali sua família deve lhe dar uma mesada muito magra. No entanto, em 1819, época em que começa este drama, ali vivia uma pobre moça. Seja qual for o descrédito em que tenha caído a palavra “drama” pela maneira abusiva e torturante como foi atacada nestes tempos de dolorosa literatura, é necessário empregá-la aqui: não que esta história seja dramática no verdadeiro sentido da palavra; mas, concluída a obra, talvez se terão derramado algumas lágrimas *intra* e *extramuros*. Será ela compreendida fora de Paris? A dúvida é legítima. As peculiaridades desta cena cheia de observações e cores locais só podem ser apreciadas entre as colinas de Montmartre e as alturas de Montrouge, neste ilustre vale de escombros incessantemente prestes a desabar e de riachos negros de lama; vale repleto de sofrimentos reais, de alegrias volta e meia falsas, e tão terrivelmente agitado que se precisa um não sei

que de exorbitante para produzir uma sensação de certa permanência. Porém, aí se encontram, aqui e acolá, dores que pelo amontoado dos vícios e virtudes tornam-se grandes e solenes: diante de seu aspecto, os egoísmos e interesses se detêm e se apiedam; mas a impressão que recolhem é como um fruto saboroso prontamente devorado. O carro da civilização, semelhante ao do ídolo de Jaggernaut,¹ apenas retardado por um coração mais difícil de esmagar que os outros e que atravanca a sua roda, logo o quebrou e prossegue sua marcha gloriosa. Assim farão vocês, vocês que seguram com a mão branca este livro, vocês que se afundam numa poltrona macia pensando: “Talvez isto vá me divertir”. Depois de terem lido os secretos infortúnios do pai Goriot, jantarão com apetite imputando a própria insensibilidade ao autor, tachando-o de exagero, acusando-o de poesia. Ah! saibam: este drama não é uma ficção, nem um romance. *All is true*, ele é tão verdadeiro que todos podem reconhecer esses elementos em si mesmos, em seu coração talvez!

A casa onde se explora a pensão burguesa pertence à sra. Vauquer. Situa-se na parte baixa da Rue Neuve-Sainte-Genève, no lugar onde o terreno desce em direção à Rue de l’Arbalète por uma ladeira tão íngreme e tão difícil que raramente os cavalos a sobem ou descem. Essa circunstância é favorável ao silêncio que reina nessas ruas apertadas entre a cúpula do Val-de-Grâce e a cúpula do Panthéon, dois monumentos que mudam as condições da atmosfera, nela lançando tons amarelados e tudo escurecendo com as tonalidades severas que suas cúpulas projetam. Ali os calçamentos são secos, os riachos não têm lama nem água, o mato cresce ao longo dos muros. Ali o homem mais indiferente se entristece, como todos os passantes, o barulho de um carro torna-se um acontecimento, as casas são sombrias, os muros cheiram a prisão. Ali um parisiense perdido só enxergaria pensões burguesas ou instituições,² miséria ou tédio, velhice que

morre, alegre juventude obrigada a trabalhar. Nenhum bairro de Paris é mais horrível, nem, digamo-lo, mais desconhecido. A Rue Neuve-Sainte-Geneviève é, sobretudo, como uma moldura de bronze, a única que convém a este relato, para o qual não se deveria preparar demais o espírito com cores escuras, com ideias graves; assim como, de degrau em degrau, o dia declina e o canto do condutor se acentua quando o viajante desce às Catacumbas.³ Comparação verdadeira! Quem decidirá o que é mais horrível ver, corações ressecados ou crânios vazios?

A fachada da pensão dá para um jardimzinho, de modo que a casa cai em ângulo reto na Rue Neuve-Sainte-Geneviève, onde a vemos cortada em sua profundidade. Ao longo dessa fachada, entre a casa e o jardimzinho, reina um círculo de cascalhos com dois metros de largura, diante do qual há uma alameda arenosa margeada de gerânios, louros-rosa e romãzeiras plantados em grandes vasos de porcelana azul e branca. Entra-se nessa alameda por uma porta secundária, tendo ao alto uma tabuleta em que está escrito: CASA VAUQUER, e embaixo: *Pensão burguesa para os dois sexos e outros*.⁴ Durante o dia, uma porta com postigo, armada com uma sineta estridente, deixa perceber no final da calçadinha, no muro oposto à rua, uma arcada pintada em mármore verde por um artista do bairro. No vão simulado por essa pintura, eleva-se uma estátua que representa o Amor. Ao verem o verniz descascado que a cobre, os amantes de símbolos descobririam talvez um mito do amor parisiense que é curado a poucos passos dali.⁵ Sob o pedestal, esta inscrição meio apagada lembra o tempo de que data o ornamento, graças ao entusiasmo demonstrado por Voltaire, que retornou a Paris em 1777:

*Quem quer que sejas, eis teu mestre:
Ele o é, o foi ou deve sê-lo.*⁶

Ao cair a noite, a porta de postigo é substituída por uma porta maciça. O jardimzinho, tão largo quanto o comprimento da fachada, fica encravado entre o muro da rua e a parede-meia da casa vizinha, ao longo da qual pende um manto de hera que a esconde inteiramente e atrai os olhos dos passantes por um efeito pitoresco em Paris. Cada um desses muros é forrado de latadas e vinhas cujas frutificações frágeis e poeirentas são alvo dos temores anuais da sra. Vauquer e de suas conversas com os pensionistas. Ao longo de cada muro reina uma estreita aleia que leva a uma sombra de tílias, palavra que a sra. Vauquer, embora nascida De Conflans, pronuncia obstinadamente *tílhias*, apesar das observações gramaticais de seus hóspedes. Entre as duas aleias laterais há um canteiro de alcachofras ladeado de árvores frutíferas podadas em forma de roca, e margeado de azedinha, alface e salsinha. Sob o abrigo de tílias está fincada uma mesa redonda pintada de verde e cercada de cadeiras. Ali, nos dias caniculares, os convivas bastante ricos para se permitirem tomar café vão saboreá-lo num calor capaz de fazer os ovos serem chocados. A fachada, com a altura de três andares e dominada pelas mansardas, é de pedras e pintada dessa cor amarela que dá um aspecto ignóbil a quase todas as casas de Paris. As cinco janelas abertas em cada andar têm pequenas vidraças e são guarnecidas de gelosias, nenhuma delas estando levantada da mesma maneira, de modo que todas as suas linhas discordam entre si. A profundidade dessa casa comporta duas janelas que, no térreo, têm como ornamento barras de ferro gradeadas. Atrás da construção há um quintal com cerca de seis metros de largura, onde vivem em paz porcos, galinhas, coelhos, e no fundo do qual se ergue um telheiro para se serrar madeira. Entre esse telheiro e a janela da cozinha está suspenso o guarda-comida, abaixo do qual caem as águas gordurosas da pia. Esse quintal tem, dando para a Rue Neuve-Sainte-Geneviève, uma porta estreita por onde a cozinheira joga

o lixo da casa, limpando essa cloaca com muita água, sob pena de pestilência.

Naturalmente destinado à exploração da pensão burguesa, o térreo se compõe de um primeiro aposento iluminado pelas duas janelas da rua, e no qual se entra por uma porta-janela. Esse salão se comunica com uma sala de jantar que é separada da cozinha pelo vão de uma escada cujos degraus são de madeira e ladrilhos pintados e esfregados. Nada é mais triste de ver do que esse salão mobiliado com poltronas e cadeiras estofadas de crina com listas alternadas foscas e brilhantes. No meio há uma mesa redonda com tampo de mármore Sainte-Anne, enfeitada com uma licoreira de porcelana branca ornamentada de filetes de ouro semiapagados, que hoje se encontra por toda parte. Essa sala, bastante mal assealhada, é coberta de lambris até a altura do parapeito. O resto das paredes é forrado com um papel envernizado representando as principais cenas de *Telêmaco*, e cujos personagens clássicos são coloridos. O painel entre as janelas gradeadas oferece aos pensionistas o quadro do festim organizado por Calipso para o filho de Ulisses. Há quarenta anos essa pintura provoca as brincadeiras dos jovens pensionistas, que se creem superiores à sua posição zombando do jantar a que a miséria os condena. A lareira de pedra, cuja fornalha sempre limpa atesta que ali só se faz fogo nas grandes ocasiões, é enfeitada com dois vasos cheios de flores artificiais, envelhecidas e enjauladas, que acompanham um relógio de mármore azulado do pior mau gosto. Esse primeiro aposento exala um cheiro sem nome no idioma, e que se deveria chamar de *odor de pensão*. Cheira a abafado, a mofo, a rançoso; dá frio, é úmido para o nariz, penetra nas roupas; tem gosto de uma sala onde se jantou; fede a serviço, a copa, a hospital. Talvez pudesse ser descrito caso se inventasse um processo para avaliar as quantidades elementares e nauseabundas ali jogadas pelas atmosferas catarrais e sui generis de

cada pensionista, jovem ou velho. Pois bem! Apesar desses horrores banais, se vocês o comparassem com a sala de jantar, que é contígua, achariam esse salão elegante e perfumado como deve ser um budoar. Essa sala inteiramente forrada de madeira foi outrora pintada numa cor hoje indefinida, que forma um fundo sobre o qual a sujeira imprimiu suas camadas de modo a desenhar figuras esquisitas. Está tomada por aparadores pegajosos sobre os quais há garrafas bisotadas, manchadas, argolas metálicas furta-cores, pilhas de pratos de porcelana grossa de beiras azuis, fabricados em Tournai. Num canto está colocada uma caixa de escaninhos numerados que serve para guardar os guardanapos, manchados ou sujos de vinho, de cada pensionista. Lá se encontram esses móveis indestrutíveis, proscritos em qualquer lugar, mas postos ali como o são os detritos da civilização nos Incurables.⁷ Ali vocês veriam um barômetro com um capuchinho que sai quando chove, gravuras execráveis que tiram o apetite, todas emolduradas em madeira preta envernizada com filetes dourados; um relógio de parede de tartaruga incrustada de cobre; uma estufa verde, lâmpadas de Argand onde a poeira se mistura com o óleo, uma mesa comprida coberta por um oleado suficientemente engordurado para que um engraçadinho, pensionista externo, escrevesse seu nome servindo-se do dedo como pena, cadeiras estropiadas, pequenos capachos vergonhosos de esparto que esfiapa mas nunca se solta, e também escalfetas miseráveis com orifícios quebrados, dobradiças desconjuntadas, em que a lenha carboniza. Para explicar como esse mobiliário é velho, rachado, podre, bambo, roído, desastrado, zarolho, inválido, moribundo, seria preciso fazer uma descrição que atrasaria demais o interesse desta história, e que as pessoas apressadas não perdoariam. O piso vermelho é cheio de vales produzidos pela esfregação ou pelas camadas de cor. Em suma, ali reina a miséria sem poesia; uma miséria poupada, concentrada, surrada. Se

ainda não tem lama, tem manchas; se não tem buracos nem andrajos, cairá na podridão.

Esse cômodo está em todo o seu esplendor quando, cerca de sete da manhã, o gato da sra. Vauquer precede sua dona, salta sobre os aparadores, fareja o leite contido em várias tigelas cobertas por pratos e faz ouvir seu *ronrom* matinal. Logo a viúva se mostra, ataviada com sua touca de tule, sob a qual pende um tufo de cabelo postiço malposto, e anda arrastando seus chinelos enrugados. Sua cara velhusca, gorducha, do meio da qual sai um nariz em bico de papagaio, suas mãozinhas rechonchudas, sua pessoa roliça como um rato de igreja, seu corpete muito apertado e desalinhado estão em harmonia com a sala que destila infelicidade, em que se esconde a especulação, e cujo ar ardorosamente fétido a sra. Vanquer respira sem sentir enjoo. Seu rosto fresco como uma primeira geada de outono, seus olhos enrugados, cuja expressão passa do sorriso prescrito às dançarinas à amarga carranca do agiota, enfim toda a sua pessoa explica a pensão, assim como a pensão implica sua pessoa. A prisão para os forçados não existe sem o comitre, não se imaginaria um sem o outro. A corpulência macilenta dessa mulherzinha é produto dessa vida, assim como o tifo é consequência das exalações de um hospital. Sua anágua de lã tricotada, que fica aparecendo sob sua primeira saia feita com um vestido velho, e cujo acolchoado escapa pelas brechas do pano rasgado, resume o salão, a sala de jantar, o jardinzinho, prenuncia a cozinha e faz pressentir os pensionistas. Quando ela está ali, o espetáculo está completo. Tendo cerca de cinquenta anos, a sra. Vauquer se parece com todas as *mulheres que conheceram desgraças*. Tem os olhos baços, o ar inocente de uma alcoviteira que vai intimidar para cobrar mais, mas que, aliás, está disposta a tudo para amenizar seu destino, a entregar Georges ou Pichegru, se Georges ou Pichegru ainda precisassem ser entregues.⁸ No entanto, ela é *no fundo boa mulher*,

dizem os pensionistas, que a imaginam sem fortuna ao ouvi-la gemer e tossir como eles. Quem havia sido o sr. Vauquer? Ela jamais se explicava sobre o falecido. Como ele perdera sua fortuna? Nas desgraças, ela respondia. Comportara-se mal com ela, só lhe deixara os olhos para chorar, aquela casa para viver e o direito de não se condoer de nenhum infortúnio, porque, dizia, sofrera tudo o que é possível sofrer. Ao ouvir a patroa dando seus passinhos, Sylvie, a cozinheira, tratava de servir o café da manhã aos pensionistas internos.

Geralmente os pensionistas de fora só pagavam pelo jantar, que custava trinta francos por mês. Na época em que esta história começa, os internos eram sete. O primeiro andar continha os dois melhores apartamentos da casa. A sra. Vauquer morava no mais modesto, e o outro pertencia à sra. Couture, viúva de um fiscal de renda da República francesa. Morava com ela uma mocinha bem jovem, chamada Victorine Taillefer, a quem ela servia de mãe. A pensão dessas duas damas chegava a mil e oitocentos francos. Os dois apartamentos do segundo eram ocupados, um por um velho chamado Poiret; o outro por um homem de cerca de quarenta anos, que usava uma peruca preta, pintava as suíças, dizia ser ex-comerciante e se chamava sr. Vautrin. O terceiro andar se compunha de quatro quartos, dos quais dois estavam alugados, um por uma solteirona chamada srta. Michonneau; o outro por um antigo fabricante de aletrias, de massas da Itália e de amido, que se deixava chamar pai Goriot. Os dois outros quartos estavam destinados às aves de arribação, esses estudantes desafortunados que, como o pai Goriot e a srta. Michonneau, só podiam pôr quarenta e cinco francos por mês na alimentação e na moradia; mas a sra. Vauquer não desejava muito a presença deles e só os aceitava quando não encontrava nada melhor: comiam pão demais. Nesse momento, um dos dois quartos pertencia a um rapaz vindo dos arredores de Angoulême para Paris, a

fim de estudar direito, e cuja família numerosa se submetia às mais duras privações para lhe enviar mil e duzentos francos por ano. Eugène de Rastignac, assim se chamava, era um desses jovens moldados no trabalho pelo infortúnio, que compreendem desde a tenra idade as esperanças que os pais depositam neles e que se preparam para um belo destino já calculando o alcance de seus estudos e adaptando-os de antemão ao movimento futuro da sociedade, para serem os primeiros a esmagá-la. Sem suas observações curiosas e a habilidade com que ele soube se comportar nos salões de Paris, este relato não teria se colorido dos tons verdadeiros que, com certeza, deverá a seu espírito sagaz e a seu desejo de penetrar nos mistérios de uma situação pavorosa, tão cuidadosamente escondida pelos que a haviam criado quanto por quem a sofria.

Acima desse terceiro andar havia um sótão para pendurar a roupa e duas mansardas em que dormiam um criado para o serviço pesado, Christophe, e a gorda Sylvie, a cozinheira. Além dos sete pensionistas internos, a sra. Vauquer tinha, dependendo do ano, oito estudantes de direito ou de medicina, e dois ou três frequentadores assíduos que moravam no bairro, todos pagando só o jantar. A sala recebia para jantar dezoito pessoas e podiam caber umas vinte; mas na parte da manhã ali só havia sete inquilinos, cuja reunião oferecia, durante o almoço, o aspecto de uma refeição de família. Todos desciam de chinelos, permitiam-se observações confidenciais sobre a roupa ou a aparência dos pensionistas externos, e sobre os acontecimentos da noite anterior, expressando-se com a confiança da intimidade. Esses sete pensionistas eram os filhinhos mimados da sra. Vauquer, que lhes dispensava com uma precisão de astrônomo cuidados e atenções, de acordo com o montante de suas pensões. Idêntica consideração afetava aquelas criaturas reunidas pelo acaso. Os dois inquilinos do segundo pagavam apenas setenta e dois francos por mês. Esse preço em conta, que só se

acha no Faubourg Saint-Marcel, entre a Bourbe e a Salpêtrière, e do qual a sra. Couture era a única exceção, anunciava que esses pensionistas deviam estar sob o peso de desgraças mais ou menos aparentes. Assim, o espetáculo desolador apresentado dentro daquela casa se repetia no vestuário de seus frequentadores, igualmente deteriorados. Os homens usavam sobrecasacas cuja cor se tornara problemática, sapatos como os que são jogados nas esquinas dos bairros elegantes, camisas puídas, roupas que não tinham mais que a alma. As mulheres usavam vestidos antiquados, retingidos, desbotados, velhas rendas remendadas, luvas lustrosas pelo uso, golas bordadas sempre encardidas e lenços esgarçados. Se essas eram as roupas, quase todos mostravam corpos solidamente robustos, compleições que haviam resistido às tempestades da vida, faces frias, duras, apagadas como as dos escudos fora de circulação. As bocas enrugadas eram armadas de dentes ávidos. Esses pensionistas faziam pressentir dramas concluídos ou em ação; não esses dramas representados às luzes da ribalta, entre telas pintadas, mas dramas vivos e mudos, dramas gélidos que remexiam ardorosamente o coração, dramas contínuos.

A velha srta. Michonneau mantinha sobre seus olhos cansados uma viseira de tafetá verde rodeada por um fio de arame que teria assustado um anjo da Misericórdia. Seu xale de franjas mirradas e chorosas parecia cobrir um esqueleto, de tão angulosas eram as formas que escondia. Que ácido despojara essa criatura de suas fortunas femininas? Devia ter sido bonita e bem-feita: seria o vício, a tristeza, a cupidez? Teria amado demais, teria sido vendedora de roupas usadas, ou somente cortesã? Expiava, por uma velhice da qual os passantes fugiam, os triunfos de uma juventude insolente ao encontro da qual tinham se precipitado os prazeres? Seu olhar branco dava frio, sua figura franzina ameaçava. Tinha a voz estridente de uma cigarra gritando no arbusto à chegada do inverno.

Dizia ter cuidado de um velho atacado por um catarro na bexiga e abandonado pelos filhos, que o imaginaram sem recursos. Esse velho lhe legara mil francos de renda vitalícia, periodicamente disputados pelos herdeiros, de cujas calúnias era alvo. Embora o jogo das paixões tivesse devastado seu rosto, ainda se viam certos vestígios de uma brancura e de uma delicadeza no tecido que permitiam supor que o corpo conservasse alguns restos de beleza.

O sr. Poiret era uma espécie de máquina. Avistando-o estender-se como uma sombra cinza ao longo de uma alameda do Jardin des Plantes, a cabeça coberta por um velho boné mole, mal segurando na mão a bengala com cabo de marfim amarelado, deixando flutuar as abas murchas de sua sobrecasaca que escondia mal uma calça quase vazia, e pernas com meias azuis que cambaleavam como as de um homem embriagado, mostrando seu colete branco sujo e seu jabô de musseline grosseira amarrotada que se unia de modo imperfeito à gravata amarrada em volta de seu pescoço de peru, muita gente se perguntava se aquela sombra chinesa pertencia à raça audaciosa dos filhos de Jafé⁹ que borboleteiam pelo Boulevard Italien. Que trabalho pudera encarquilhá-lo assim? Que paixão deixara cor de bistre sua face bulbosa, que, desenhada como caricatura, teria parecido irreal? O que havia ele sido? Mas talvez tivesse sido funcionário do Ministério da Justiça, na seção para onde os carrascos enviam seus relatórios de despesas, a conta do fornecimento de véus negros para os parricidas, de farelo para as cestas, de cordas para as lâminas.¹⁰ Talvez tivesse sido recebedor na porta de um matadouro, ou subinspetor de salubridade. Enfim, aquele homem parecia ter sido um dos asnos de nosso grande moinho social, um desses Ratons parisienses que nem sequer conhecem seus Bertrands,¹¹ algum pivô em torno de quem tinham girado os infortúnios ou as sujeiras públicas, enfim um desses homens de quem dizemos, ao vê-los: *No entanto, é preciso gente assim.*